

**ESTOICISMO E CRISTIANISMO NA *COSNTANTE FLORINDA*: ABISMOS  
ENTRE A PAIXÃO HUMANA E O AMOR DIVINO**

Marcelo LCHAT<sup>1</sup>

**RESUMO :** A obra *Infortúnios trágicos da constante Florinda*, de Gaspar Pires de Rebelo, foi publicada em 1625. Devido ao sucesso alcançado pelo texto, veio a público, em 1633, uma continuação intitulada *Constante Florinda parte II, em que se dá conta dos infortúnios que teve Arnaldo buscando-a pelo mundo*. As duas partes, quanto ao gênero em que se inserem, fazem uso de elementos das epopéias em prosa gregas e bizantinas e das novelas de cavalaria ibéricas. A *Constante Florinda* (esse é o título pelo qual a obra ficou conhecida) foi muito lida nos séculos XVII e XVIII e praticamente esquecida nos séculos seguintes. Percebe-se, nos textos, um tema central: o amor firme e constante dos personagens principais (Florinda e Arnaldo), que viajam pelos mais diversos lugares, enfrentando incontáveis infortúnios, apenas para se manterem fiéis a seus amados. É um amor tanto mais virtuoso e persistente quanto mais se depara com vícios e desenganos do mundo, sendo preferível, em última instância, a morte a perder a honra entre peregrinações sem rumo e paixões sem freio. Mas tal amor, por mais virtuoso que seja, é também apenas paixão (*pathos*), pois tudo que está abaixo do Céu carece da perfeição divina. Assim, é intuito deste trabalho refletir sobre essas questões, baseando-se nos elementos estoíco-cristãos que enformam o conteúdo da obra, cujo ofício é deleitar (*delectare*) e ensinar (*docere*) para mover (*mouere*) os leitores a agirem, sabiamente, frente aos infortúnios da vida. Afinal, o sábio estoíco-cristão domina a Fortuna submetendo-se à Providência que rege o mundo, *opera* sempre perfeita da Razão divina.

**RÉSUMÉ:** Le but de cet article est de réfléchir sur le concept d'amour dans la *Constante Florinda*, de Gaspar Pires de Rebelo : une œuvre bien connue aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles et presque oubliée aux siècles suivants. Cette réflexion, en cherchant distinguer la passion (*pathos*) de l'amour, se base sur la philosophie stoïcienne des XVI<sup>e</sup> et XVII<sup>e</sup> siècles qui était mêlée au christianisme. Ainsi, pour l'homme, dans la perspective stoïcienne-chrétienne, l'amour, divin et parfait, s'est perdu depuis le péché originel et lui est restée seulement la passion, vicieuse et imparfaite.

Um primeiro risco para quem se propõe a analisar um texto do século XVII é classificá-lo, anacrônica e ingenuamente, como “barroco”. Esse termo, estranho ao contexto seiscentista, advém da manutenção de uma tradição idealista da historiografia literária do século XIX. No Seiscentos, a palavra “barroco” estava longe de designar qualquer movimento ou período “literário”, tendo, possivelmente, como seu significado mais corrente, o de “pérola irregular”.<sup>2</sup> E na escolha desse termo já podemos notar a presença da concepção oitocentista da história literária: a irregularidade ou deformidade da “pérola seiscentista” dando lugar a momentos históricos mais desenvolvidos. Como consequência desse modo de enxergar a “Literatura” (uma palavra também bastante inadequada para designar as obras do século XVII) como uma constante evolução, é válido destacar o que afirma João Adolfo Hansen acerca do contexto brasileiro:

---

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura Portuguesa, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, orientado pela profa. dra. Adma Fadul Muhana e com auxílio financeiro da Fapesp.

<sup>2</sup> Cf. a acepção de “barroco” no *Vocabulário Portuguez, & Latino* (1712-1728), de Raphael Bluteau: “Perola tofca, & defigural, que nem he comprida, nem redonda. *Unio, divelæ ab rotundâ, & turbatâ in figure*” (Bluteau, 2002, p. 58).

Quando as representações coloniais são transformadas em “barroco”, no século XX, a interpretação idealista é mantida no uso dedutivo e acrítico da noção, que generaliza as categorias neoclássicas para fundamentar as avaliações da poesia seiscentista como “excesso”, “jogo de palavras”, “alambicamento”, “artificialismo”, “formalismo”, “nihilismo temático”, “afetação”, “pedantismo” e mais anacronismos (Hansen, 2002: 26).

Para escapar de tal idealização, uma possível saída é recorrer ao “sistema das Letras” que enforma os textos seiscentistas: a Retórica e a Poética. Em vez de buscar afoitamente aquelas características “barrocas” de uma obra do século XVII, parece mais produtivo tentar entender como é construído, em termos retóricos e poéticos, o “discurso” do texto. Autores como o mencionado Hansen, Alcir Pécora e Adma Muhana, entre outros, vêm, há algum tempo, esclarecendo a “forma” (que implica o “conteúdo”) da poesia e da prosa seiscentistas, buscando adequar a nossa compreensão *contemporânea* a textos que ignoram romantismos, nacionalismos, subjetivismos, realismos e modernismos.

E partindo dessa perspectiva nada “barroca”, é que almejamos, neste trabalho, refletir sobre o conceito de amor na *Constante Florinda*, uma obra muito lida nos séculos XVII e XVIII e praticamente esquecida nos séculos seguintes.<sup>3</sup> Pouco se sabe sobre a vida de seu autor, Gaspar Pires de Rebelo, desconhecendo-se mesmo o ano de seu nascimento. As fontes biográficas mais fidedignas são as folhas de rosto das obras que publicou. Pires de Rebelo teria nascido na vila do Aljustrel antes de 21 de Julho de 1585 e morreu em algum momento no ano de 1642. Foi frei e licenciado e, como eclesiástico, atuou entre os anos de 1620 e 1640 na Província do Alentejo.<sup>4</sup> A primeira parte da *Constante Florinda* (intitulada *Infortúnios trágicos da constante Florinda*) teve sua *editio princeps* em 1625, da qual não se conhecem exemplares, sendo a impressão de 1633 a mais antiga de cujos exemplares se tem notícia. Já a *editio princeps* da segunda parte (*Constante Florinda parte II, em que se dá conta dos infortúnios que teve Arnaldo buscando-a pelo mundo*) é de 1633, porém os primeiros exemplares do texto que restaram foram os da impressão de 1635.<sup>5</sup>

Devido à suma importância da questão dos gêneros e dos modelos para a época, é necessário esclarecer como se localiza a *Constante Florinda* (título pelo qual as duas partes, em conjunto, ficaram conhecidas) em meio à produção teórica e ficcional - tanto do século XVII como de períodos anteriores. Assim, a referida obra de Gaspar Pires de Rebelo insere-se num gênero, a chamada “epopéia em prosa”, que não tem sequer uma única preceptiva seiscentista a seu respeito, a não ser num manuscrito incompleto intitulado *Argumento de Heliodoro* (1633), de Manuel Pires de Almeida. Esse gênero remonta a textos gregos e bizantinos, tais como *As etiópicas*, de Heliodoro, e *Leucipe e*

---

<sup>3</sup> Informações mais detalhadas sobre as edições dos textos de Gaspar Pires de Rebelo podem ser encontradas na tese de doutorado de Artur Henrique Ribeiro Gonçalves, intitulada *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda de Gaspar Pires de Rebelo: Uma novela de Amor e Aventuras Peregrinas* (Gonçalves, 2000: xli-cviii).

<sup>4</sup> Para mais notícias sobre a vida de Gaspar Pires de Rebelo, consultem-se a tese de doutorado, já mencionada, de Artur Henrique Ribeiro Gonçalves (2000: xxi-xli) e a “Cronologia” feita por Adma Muhana para a edição da primeira parte da *Constante Florinda* (2006: 325). Vale ressaltar que será essa a edição que utilizaremos para citar o texto da primeira parte. Já para a *Constante Florinda parte II*, a edição usada é a de Nuno Júdice (2005), pois o referido livro, organizado por Adma Muhana, contém apenas o texto da parte I.

<sup>5</sup> São conhecidas mais duas obras do autor: uma doutrinária, intitulada *Tesouro de pensamentos concionativos* (1635), e outra ficcional, editada postumamente, chamada *Novelas Exemplares* (1650), segundo o modelo das de Cervantes.

*Clitofonte*, de Aquiles Tácio (só para citar dois importantes modelos para os autores seiscentistas), e afirma-se no século XVII ibérico (agregando a esses modelos antigos elementos das novelas de cavalaria), com obras como *El peregrino en su patria*, de Lope de Vega, *Los trabajos de Persiles y Sigismunda*, de Cervantes. Em termos retóricos e poéticos, a epopéia em prosa seiscentista é uma “imitação comum de ação grave, uma e extensa, narrada sem metro e com pensamento ornado, tendo por ofício mover os ouvintes pelo deleite e pelo ensinamento” (Muhana, 1997: 26).

Se, conforme a definição citada, é objetivo da epopéia em prosa mover os leitores pelo deleite e pelo ensinamento, os leitores, deleitados e ensinados, devem ser movidos a agir numa direção que seja a mais útil, bela e justa (V. Muhana, 2000: 341). E no caso específico da *Constante Florinda*, o elogio de uma vida exemplar, que vise à utilidade, beleza e justiça dos pensamentos e dos atos, nos permite perceber no texto (e, mais especificamente, no discurso retórico-poético do narrador) uma espécie de elogio ao estoicismo. Com isso, não estamos afirmando que é mencionada explicitamente ou mesmo defendida, em algum momento do texto, a doutrina estoíca. Na verdade, o que notamos no conteúdo da obra é a presença de elementos estoícos que levam, por exemplo, à exaltação de uma vida virtuosa, longe dos vícios e das conturbações da alma, ainda que diante dos maiores infortúnios. Afinal, como diz Sêneca, os infortúnios “não são acaso, mas decreto que visa revelar inteiramente o valor dos excelentes”. (Cf. Sêneca, *Epistolas Morais a Lucílio*, 96, I; e também *Da Providência*. *Apud* Pécora, 2001: 178).

Quando nos referimos ao “estoicismo”, não há como deixar de lembrar da classificação, talvez simples em demasia, que divide essa doutrina filosófica em três fases: a primeira marca seu início na Grécia Antiga com os ensinamentos de Zenon na *Stoa Poikile*, por volta do século IV, e sob a direção de Cleantes, sucedido por Crisipo, estende-se até fins do século III a.C.; a segunda, conhecida como “Estoicismo Médio”, predominou nos séculos II e I a.C. com filósofos como Panécio e Posidônio; e, por fim, fala-se do chamado “Estoicismo Romano”, que prevaleceu nos primeiros séculos da nossa era e foi encabeçado por Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio.<sup>6</sup> Além desses três períodos “clássicos”, alguns estudiosos destacam uma retomada do estoicismo nos séculos XVI e XVII.<sup>7</sup> E é justamente esse “neo-estoicismo”<sup>8</sup>, caracterizado, fundamentalmente, pela fusão com a doutrina cristã, que nos interessa mais diretamente para a análise da *Constante Florinda*. Um dos mais importantes divulgadores da filosofia estoíca, no final do século XVI e começo do século XVII, foi Justo Lúpsio (1547-1606). Em sua obra *De Constantia Libri Duo*, publicada em 1584, com a nítida referência, logo no título, ao *De Constantia Sapientis*, de Sêneca, uma das principais conclusões a que chega Justo Lúpsio é que a melhor forma de manter a paz da mente entre tantas guerras e turbulências políticas não é deixar a pátria para se refugiar num local isolado, e sim

---

<sup>6</sup> Vejam-se, por exemplo, a “Introduction” de Émile Bréhier (1997, p.LVII-LXVI) e o texto introdutório de David Sedley: “A escola, de Zenon a Ário Dídimos” (2006, p.7-34).

<sup>7</sup> Para exemplificar, podemos citar quatro livros que tratam, especificamente, desse assunto: *La renaissance du stoïcisme au XVI siècle*, de Léontine Zanta (1914), *Juste Lipse et la Restauration du Stoïcisme*, de Jacqueline Lagrée (1994), *Le stoïcisme au XVIe et au XVIIe siècle*, organizado por Pierre-François Moreau (1999), e *Stoïcisme et Christianisme à la Renaissance*, sob a direção de Catherine Magnien (2006).

<sup>8</sup> Embora seja esse o termo mais comumente utilizado pelos autores especialistas na área, preferimos a utilização de termos como “estoicismo quinhentista”, “estoicismo seiscentista” ou “estoicismo cristão”, pois estes últimos caracterizam e localizam melhor o conteúdo que abarcam.

mudar a opinião sobre tais males, entendendo suas causas e, conseqüentemente, sua necessidade. Uma outra obra de Lúpsio, *Manuductionis ad Stoicam philosophiam libri tres*, publicada em 1604, determinou a essência do estoicismo seiscentista, excluindo somente aqueles aspectos irreconciliáveis com o cristianismo e que dependiam do determinismo estóico.

Tanto no estoicismo antigo como no moderno (vejam-se os citados títulos dos textos de Sêneca e Justo Lúpsio) a constância é tida como uma virtude fundamental para o sábio. Da mesma forma, logo no título da obra de Rebelo, *Constante Florinda*, é possível perceber a relevância do termo. Mais ainda, ao longo do texto fica patente que, para serem virtuosos, Florinda e Arnaldo têm que ser constantes. Vista pelo estoicismo seiscentista, ou seja, aquele inserido no cristianismo,

a constância é a virtude daqueles que praticam habitualmente atos justos e sábios, por compreenderem que a Providência divina rege o universo; mesmo nas ocasiões em que a Fortuna parece conduzir os acontecimentos, ela é, por assim dizer, serva da Providência. (...) ser constante é uma demonstração de sabedoria fundada numa razão fiel, isto é, conhecedora dos princípios – Deus – e dos Fins – Juízo Final – sendo, por isso, a principal virtude e epíteto de Florinda (Muhana, em seu “Posfácio”, 2006: 339).

Podemos acrescentar: é também a principal virtude de Arnaldo. E esses amantes se mostram mais excelentes quanto mais as ocasiões são propícias ao vício, pois, como se diz num trecho da segunda parte da *Constante Florinda*, “não é Virtude não poder comer pecado, senão saber-se abster do vício” (Rebelo, 2005: 419).

A partir dessa reflexão sobre a constância é que podemos pensar no amor de Florinda e Arnaldo. Na primeira parte da obra, os leitores acompanham as viagens de Florinda. A peregrinação da donzela foi motivada pelo seguinte acontecimento. Diante dos olhos da moça, foi ferido Arnaldo (seu amado e com quem havia jurado se casar) numa emboscada preparada por seu inimigo dom Luís, pois este (o “mau-caráter”) também almejava, em vão, os amores de Florinda. Arnaldo, depois de gravemente ferido, foi carregado por seu criado e levado para longe do local. A donzela, vendo a intensidade dos ferimentos, acreditou que o rapaz estivesse morto e se desesperou com a suposta perda de seu amado. Por isso, Florinda decide ir embora da casa de seu pai e perambular, sozinha, pelo mundo; tudo para manter a palavra dada e a fidelidade a Arnaldo. Para que fosse mais fácil manter seu juramento de não se casar com nenhum outro, já que era uma moça muito bela e cobiçada, decidiu vestir-se de homem e, autodenominando-se Leandro, partiu mundo afora sem nenhuma esperança. Nos diversos episódios que entrecruzam a história da protagonista podemos perceber, em resumo, que os personagens que se deixam levar pelos vícios ou paixões é que sofrem, realmente, *infortúnios trágicos*, passando por uma reviravolta da fortuna: de um estado bom para um mau. Enquanto Florinda, por se mostrar firme, constante e virtuosa passa da infelicidade de sua peregrinação desesperançada para a felicidade não esperada do reencontro e do casamento com Arnaldo (que, na verdade, não tinha morrido, mas somente se ferido). Tudo isso, e especialmente o caráter exemplar da história de Florinda e Arnaldo, fica bastante claro nas palavras do narrador que encerram a primeira parte da obra:

Donde se pode tirar exemplo que, assim como nossa Florinda, por ser constante e firme em sua palavra e fé, e pela guardar passou tantos trabalhos e infortúnios, no fim dos quais alcançou tão

grandes bens desta vida; assim também o que permanecer firme e certo em guardar o que prometeu a Deus e passar trabalhos por satisfazer com a obrigação de sua promessa; esteja certo alcançará os bens da outra, que são a bem-aventurança, na qual permita ele nos vejamos todos pera sempre. Amém. (Rebello, 2006: 307).

Portanto, as viagens e os sofrimentos de Florinda comprovam a firmeza de seu amor, que acaba sendo premiado com o reencontro de Arnaldo. A donzela age como um sábio estóico-cristão que, conhecendo os princípios divinos, mantém-se firme e constante frente aos trabalhos que a vida lhe oferece, pois sabe que o que lhe aguarda depois do Juízo Final é a bem-aventurança. Age, em suma, como Jó. Tanto na história de Florinda como na de Jó, percebemos um *exemplum*, ou seja, um modelo a ser seguido: o sábio estóico-cristão aceita os desígnios da Providência, pois está ciente de que a disposição divina é misteriosa e, muitas vezes, os justos também sofrem sem culpa nenhuma<sup>9</sup>; mas que, no fim, Deus recompensa a virtude desconhecida pelos homens.

Porém, bem mais desolador é o fim da segunda parte da *Constante Florinda*, em que são narradas as viagens de Arnaldo em busca de sua amada. A história encerra-se com a morte dos dois amantes justamente em decorrência da constância e firmeza de Florinda que, em sua peregrinação, para manter sua palavra dada a Arnaldo, não aceitou os amores de um príncipe, chamado Aquilante. Este, tornando-se Rei de Nápoles, ataca por vingança Florença, onde viviam muito felizes como Duque e Duquesa aqueles amantes, condena-os à morte e desterra o herdeiro. Arnaldo é degolado publicamente e Florinda, vendo-o morto, não suporta a dor e morre logo em seguida. No entanto, por mais desoladoras que sejam, tais mortes parecem querer ensinar algo, como se pode notar nas últimas palavras do narrador:

E este é o fim que tiveram estes dous amantes tão firmes. Estes foram seus trágicos infortúnios. Nisto vieram a parar tantos dons da natureza. Este foi o prêmio que teve o desordenado amor da mocidade. E se eles foram firmes às glórias da vida, não tiveram firmeza. Esta verdade está nos ensinando, que tragamos sempre na memória escritas estas palavras: *Para que são glórias, nem honras da vida, se mais perde quem mais alcança?* (Rebello, 2005: 498-499).

Para os estóicos, as paixões são doenças ou afecções da *psyché* ou do *animus*. O verdadeiro sábio é aquele que não é tomado por tais paixões (*pathé*); é aquele que vive na constância da razão e não na turbulência dos afetos. Um sábio jamais deve agir guiado pela dor, pelo medo, pela concupiscência ou pelo prazer; seu único piloto é a razão (*logos*).<sup>10</sup> E é racionalmente que ele deve amar. Este amor “virtuoso” lembra a *agapé* de que fala Paulo na primeira epístola aos Coríntios: paciente e que tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (I Coríntios, 13, 1-7). Enquanto à paixão (*pathos*) resta ser vício e pecado.

Na primeira parte da obra de Rebello, Florinda viajou para defender o amor contra as paixões do mundo. Por isso, teve sua recompensa (o reencontro e o casamento com seu amado). Na segunda parte, foi a vez de Arnaldo peregrinar, e também se mostrou um

---

<sup>9</sup> Veja-se o seguinte trecho da segunda parte da *Constante Florinda*: “Ficou Hamete admirado com esta confissão do mouro, considerando por uma parte a traição que lhe fizera, por outra a paciência com que Arnaldo se oferecia ao tormento, sem estar culpado” (Rebello, 2005: 371).

<sup>10</sup> Sobre a caracterização do sábio, no estoicismo antigo, como sendo aquele que vive de acordo com a natureza e obedece apenas à razão, o livro VII das *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, de Diógenes Laércio, e o *De Constantia Sapientis*, de Sêneca, são fontes essenciais para se compreender melhor o assunto.

exemplo de virtude. Entretanto, por que afirma o narrador que se aqueles amantes “foram firmes às glórias da vida, não tiveram firmeza”? Segundo o cristianismo, o homem, desde o pecado original, está condenado. Sua punição é ser sempre apenas um reflexo da perfeição divina, sem jamais alcançá-la; sempre dividido, o ser humano só vê por espelho e apenas conhece em parte (I Coríntios, 13, 12). Daí ser seu amor mero reflexo do amor divino ou da virtude de um perfeito sábio estóico (que também se assemelha a uma divindade inatingível<sup>11</sup>). O amor humano é imperfeito, é apenas paixão, porque ao homem ainda não é permitido ver face a face nem conhecer totalmente as coisas como ele mesmo é conhecido por Deus (I Coríntios, 13, 12). O “desordenado amor da mocidade” (de que fala o narrador) é o máximo que Florinda e Arnaldo, dois grandes exemplos de virtude, poderiam oferecer, mas não é o bastante. A história desses amantes, ou melhor, desses apaixonados é, em termos retórico-poéticos, deleite, mas também é ensinamento<sup>12</sup>, e está a nos ensinar, numa perspectiva estóico-cristã, que devemos recusar os bens da vida para receber o único e verdadeiro Bem: aquele que nos aguarda após a morte.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BLUTEAU, R. (2002). *Vocabulário Português, & Latino*. Hildesheim: Georg Olms Verlag. Ed. fac-similada.
- BRÉHIER, E. e P.M. SCHUHL (orgs.) (1997). *Les Stoïciens*. Textes traduits par Emile Bréhier. Paris : Gallimard, 2v.
- CHASTEL, A. (2000). “Le Baroque et la Mort”, in: *Fables, Formes, Figures*. Paris: Flammarion, pp. 201-226.
- DIÓGENES LAÉRCIO (1977). *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2ª ed. Brasília: UnB.
- GONÇALVES, A. (2000). *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda de Gaspar Pires de Rebelo: Uma novela de Amor e Aventuras Peregrinas*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- LAGRÉE, J. (1994). *Juste Lipse et la Restauration du Stoïcisme*. Paris: J. Vrin.
- MAGNIEN, C. (2006). *Stoïcisme et Christianisme à la Renaissance*. Paris: Rue d’Ulm.
- MARCO AURÉLIO (1953). *Pensées*. Texte établi et traduit par A.I. Trannoy. Paris: Les Belles Lettres.
- MOREAU, P.F. (org.) (1999). *Le stoïcisme au XVIe et au XVIIe siècle. Le retour des philosophies antiques à l’âge classique*, tome I. Paris: Albin Michel.
- MUHANA, A. (1997). *A epopéia em prosa seiscentista: uma definição de gênero*. São Paulo: Unesp; Fapesp.
- \_\_\_\_\_. (2000). “O gênero epistolar: diálogo *per absentiam*”, in: *Discurso* 31, pp. 329-245.
- PÉCORA, A. (2001). *Máquina de Gêneros*. São Paulo: Edusp.
- PÉCORA, A. E J. A. HANSEN (2002). *Poesia seiscentista – Fênix renascida & Postilhão de Apolo*. 1ª ed. São Paulo: Hedra.
- REBELO, G. P. de R. (2005). *Infortúnios trágicos da constante Florinda*. Ed. Nuno Júdice. Lisboa: Editorial Teorema.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Infortúnios trágicos da constante Florinda*. Organização, notas e posfácio de Adma Muhana. São Paulo: Globo.
- SEDLEY, D. (2006). “A escola, de Zenon a Ário Dídimo”, in: B. INWOOD (org.), *Os estóicos*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Odysseus.
- SÊNECA (1953). *De constantia sapientis*. Commentaire par Pierre Grimal. Paris: Belles Lettres.
- ZANTA, L. (1914). *La renaissance du stoïcisme au XVI siècle*. Paris: Honoré Champion.

<sup>11</sup> Lembre-se, por exemplo, da conhecidíssima reflexão de Marco Aurélio que, dialogando com sua *psyché*, discorre, *pateticamente*, insatisfeito com sua atual condição, ainda muito distante das qualidades que deveria demonstrar um perfeito sábio estóico nas “coisas” da vida (*Meditações*, X, 1).

<sup>12</sup> É preciso recordar também que, como afirma André Chastel, as representações da morte, no século XVII, querem ensinar como é incerta e frágil a existência humana (Chastel, 2000: 225).